



## **Agrofoto: Um olhar juvenil sobre as práticas camponesas**

Paula Pereira Libório<sup>1</sup> e Camilo Silva Cantanhede<sup>2</sup>.

Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e coordenadora de projetos sociais na Fundação Pedro Paes Mendonça. E-mail: [paula.p.liborio@gmail.com](mailto:paula.p.liborio@gmail.com);  
Biólogo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e analista ambiental na Fundação Pedro Paes Mendonça. E-mail: [camiloaju@yahoo.com.br](mailto:camiloaju@yahoo.com.br).

**Resumo:** O Coletivo Agrofoto, que mistura fotografia e agroecologia, é composto por jovens entre 10 e 18 anos, do povoado rural da Serra do Machado. Encontra-se semanalmente (ou tantas vezes quanto for necessário) para debater, pesquisar e divulgar temas com interface agroecológica imersos nas práticas locais. Há o registro diário dos encontros e o repasse periódico dos resultados pesquisados para a comunidade através de impresso (revista) ou mídia virtual (facebook). A visibilidade que o coletivo oferece as práticas agroecológicas locais esquecidas ou pouco valorizadas ressignifica a agricultura camponesa e suas tradições. Fortalecer o coletivo, ampliar seu conhecimento e alcançar outros jovens e camponeses é a perspectiva de reinvenção cotidiana que garante a permanência da energia juvenil implicada na construção de um mundo melhor.

**Palavras-chave:** Juventude; Agroecologia; Educação.

### **1. Introdução**

O povoado de Serra do Machado no município de Ribeirópolis, Sergipe, é lugar simples e pacato, porém com muita história para contar. Lugar de gente acolhedora, sorridente e com muito amor para dar. Mistura aspectos rurais e urbanos, a apenas 5 km do município sede, tem áreas agrícolas e um galpão industrial (onde funciona uma fábrica de bonecas com distribuição nacional). Além dos empregos formais, a economia local é movimentada pelo artesanato e pela agricultura, que até os dias de hoje, lucro não deixou de gerar (ou que a renda das famílias nunca parou de ajudar).



A Fundação Pedro Paes Mendonça (FPPM), há 27 anos, participa do desenvolvimento local através de projetos nas áreas de educação, saúde, assistência, geração de renda e cultura. A área de abrangência de suas ações é o povoado Serra do Machado (878 habitantes) e os povoados do entorno: Fazendinha, João Ferreira, Serrinha e Esteios (os quatro povoados totalizam 1.097 habitantes).

As ações para apoio à Agricultura Ecológica às famílias dos povoados iniciaram em 2014 após aproximação aos produtores do entorno e reconhecimento dos problemas de saúde com aplicação de veneno. O primeiro serviço oferecido foi assistência técnica agroecológica, quando conhecemos a resistência das famílias às mudanças no seu modo de produzir. Reconstruindo o caminho de infiltração da agroecologia, foram realizadas oficinas escolares com a temática. O envolvimento da nova geração nessas atividades refez o acesso às famílias. A partir daquele momento, as experiências espontâneas das crianças no quintal domiciliar inseriram técnicas agroecológicas e aproximando mães e pais de suas experimentações. Em paralelo, buscava-se criar um novo mercado para a produção sem veneno através da implantação de uma feira local específica para esses produtos e da priorização na compra institucional pelo setor de nutrição da FPPM. Ainda em pequeno volume e com pouca visibilidade local, as ações desejavam ampliar o horizonte. Para tanto, se buscou novas parcerias.

Um grupo de adolescentes e jovens fazia um curso de fotografia quando foi convidado a somar esforços na divulgação do trabalho em andamento. A nova estratégia desejava reconstruir o significado da produção rural para o povoado, ao valorizar as práticas agrícolas de base ecológica adotada por diferentes gerações, e facilitar a inserção das técnicas e princípios defendidos pela Agroecologia nos povoados rurais. O coletivo autodenominado Agrofoto é a estória que vamos contar. Na cotidiana tentativa de conectar diferentes forças para impulsionar a Agroecologia na região, encontramos na energia juvenil um aliado cheio de entusiasmo, que nos presenteou com seus olhares singulares e agregou múltiplas linguagens na construção de nossas estratégias.

No cotidiano do Coletivo, os encontros e as pesquisas são realizadas no povoado de Serra do Machado, mas almeja-se ampliar os horizontes através da divulgação virtual e da participação em encontros estaduais. O envolvimento dos jovens através de linguagens que traduzam e valorizem a cultura camponesa pretende aproximá-los do cotidiano rural no qual, mesmo estando imersos, seguem



a margem, sem evidenciar e criticar as relações de poder deste panorama. Rever e reler sua realidade pode torná-los mais preparado para suas escolhas futuras.

As atividades do Agrofoto baseiam-se na prática de educação autônoma e compartilhada, consideramos o desejo dos participantes e sua singularidade, utilizando os encontros como um espaço de multiplicar curiosidades e experiências, afinal, ninguém educa ninguém, as pessoas se educam umas às outras, mediatizadas pelo mundo, como diria Paulo Freire (1996). O conteúdo trabalhado dialoga com o Projeto de Agroecologia<sup>1</sup>. Francisco Roberto Caporal e José Antônio Costabeber (2007) relatam como referências na construção da Agroecologia: a defesa das comunidades e suas formas de autonomia, a Agronomia Social e o resgate de conhecimentos e saberes locais.

Os pilares da Agroecologia orientam a metodologia de pesquisa do coletivo juvenil ao buscar, localmente, nas vozes dos agricultores e agricultoras, e nos saberes populares, os conhecimentos balizadores da investigação. Essa estratégia pesquisadora fortalece os saberes locais, a autonomia de suas práticas e o valor de sua produção.

A metodologia do trabalho comunitário e social é um dispositivo alternativo a ser utilizado, visando produzir conhecimento e formar intelectuais organicamente comprometidos com os interesses da classe dominada. A ênfase à produção de conhecimento é entendida aqui como instrumento de luta (...) (PEREIRA, 2001, p 142).

O planejamento, as pesquisas, as intervenções e a avaliação são feitas ativamente por todos os componentes do Agrofoto. Inclusive este artigo fora construído por muitas mãos. Após debater um roteiro de perguntas, as/os adolescentes redigiram os textos, os quais foram alinhavados pelos coordenadores do grupo, criando este mosaico de poesia juvenil e olhar crítico sobre o trabalho.

---

<sup>1</sup> Compreendemos Agroecologia como “uma ciência em construção com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando inclusive, o conhecimento tradicional” (FEIDEN, 2005, p. 53-54).



## 2. Agrofoto

O coletivo é uma mistura de homens, mulheres, altos, baixos, falantes, tímidos, morenos, brancos, etc., os quais misturam idades entre 10 e 18 anos (ou um pouco mais) e participam espontaneamente dos encontros. A maioria dos jovens estuda no Centro de Educação Maria Auxiliadora Mendonça, mora no povoado e não realiza trabalhos no campo, mas os familiares são camponeses e o cotidiano está repleto de representações rurais. O grupo é formado por maioria feminina, mas se reconhece como um só, quando um precisa, o outro está lá. É um grupo unido, quer ver o bem e a felicidade do próximo, são festivos, agitados e animados, para o que podem ajudar, estão aqui. Apoiam qualquer festa que podem fazer. Se pedir algo para fazerem, fazem e entregam, com a sua cara, a cara do Agrofoto.

O Coletivo se reúne uma vez por semana, após o horário das aulas (a maioria dos jovens estuda em período integral). Entretanto, se houver algum projeto que requisite um tempo ou disponibilidade maior, fazem outros encontros e adaptam a agenda. O encontro conta com o alto astral dos participantes, pois é um momento de aprendizado e diversão que busca novas experiências para os jovens através da pesquisa e da fotografia, unindo temas e propostas interessantes para envolver os participantes.

Nos encontros, cada um pode dar sua ideia, sem vergonha. Todos participam de todas as tarefas: do planejamento, dos textos e das fotografias. As conversas e os acontecimentos são registrados no caderno-diário. Durante as pesquisas, assistem e debatem vídeos, fazem experiência de receitas e planejam intervenção para comunidade. Cada tema trabalhado deve ser divulgado através de revista, vídeo ou publicação de facebook. Acredita-se que as ferramentas virtuais, tanto para produção como para divulgação, dialogam com a juventude oferecendo às redes sociais a potência de uma comunicação de grande alcance muito além das “selfs”. Como recompensa de tanto esforço, comemoram a vitória do coletivo com a noite do pijama, recheada de brincadeiras e diversão. O espaço valoriza o saber dos/das jovens e estimula a criticidade: “uma das tarefas precípuas da prática



educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (FREIRE, 1996, p32).

Não há transferência de conhecimento, mas criação de possibilidades para a produção e construção coletiva. Não há professores, mas facilitadores. A divisão das tarefas e participação equitativa são ferramentas para envolvimento dos participantes considerando habilidades e responsabilidade pelo ensino-aprendizagem. Não há obrigatoriedade de presença, a união do grupo, o prazer no encontro, o compromisso dos participantes com a produção de conhecimento e de um mundo melhor são motivadores da continuidade do projeto. O coletivo, a cada dia, se renova. Começou com uma demanda, mas, continua em movimento até hoje remodelando os temas de pesquisa e divulgação. As questões que o movimenta são simples, estão ao seu redor e precisam ser cuidadas para provocar as mudanças da realidade desejadas.

Tudo começou em 2015, quando foi realizada uma oficina de fotografia para jovens no povoado. Acreditava-se que a linguagem atual das novas mídias nos levaria a novos olhares a respeito da comunidade. A escolha da tecnologia como linguagem apostava nos interesses da nova geração. Alguns meses depois, uma turma se apropriou da função “fotógrafa” e assumiu a atividade para diversas demandas. Eram convocados, sempre que necessário, para o registro das ações em andamento. Reconhecendo o espaço em construção, o analista ambiental da Fundação Pedro Paes Mendonça, Camilo Silva, convidou o grupo para fotografar as práticas agroecológicas implantadas por crianças e adultos que apostaram nas experiências em meio a resistência de tantos outros agricultores.

Acreditava-se que retratar pequenos e grandes camponeses e contar suas histórias criaria um panorama positivo de incentivo para implantar tecnologias sociais, pois as experiências evidenciavam práticas possíveis e legitimam a inserção das novas técnicas, que resistem ao veneno e apostam na responsabilidade com o meio ambiente. A partir daquele momento, a fotografia e a agroecologia começaram a andar juntas, formando o Agrofoto, com o intuito de facilitar a mudança e uma perspectiva de vida melhor, já que a comunidade vive em grande maioria, da agricultura familiar.

O objetivo das intervenções do Agrofoto era conhecer histórias e experiências agroecológicas, registrá-las e divulgá-las. A aproximação do coletivo jovem às práticas camponesas tinha seu primeiro





objetivo alcançado quando as famílias ou produtores se reconheciam como sendo importantes para a comunidade. O segundo passo era o conhecimento dos jovens das diferentes realidades fotografadas e relatadas. A sistematização do conhecimento a partir do relato dos agricultores e a construção das histórias dos adolescentes materializam em diferentes linguagens o que parecia invisível a gerações. A escrita é compartilhada entre os colegas, buscando os diferentes olhares para tecer essa renda. Contudo, a “missão está cumprida” quando as pesquisas do Coletivo são compartilhadas e multiplicam princípios de saúde e qualidade de vida (dos agricultores, pela não aplicação de veneno, e dos consumidores que comerão alimentos saudáveis), o que acreditam melhorar a vida de todos.

A primeira sistematização foi uma revista que contava histórias de camponeses e retratava as pessoas e seu jeito de produzir. Apesar da pequena tiragem, o documento foi distribuído para os protagonistas, os produtores e as famílias. Esta experiência foi compartilhada no 2º Encontro Sergipano de Agroecologia com outros jovens, trazendo novas ideias sobre o que acontece com a juventude no estado de Sergipe. Aprendeu-se e ensinou-se dentro do nosso Coletivo e entre outros jovens.

No primeiro semestre de 2016, o tema central foi o estudo das plantas medicinais. A escolha dos assuntos para pesquisa migrou do plantio sem veneno para uso natural de plantas na medicina popular. Continuamos nosso trabalho buscando valorizar práticas dos antigos que preservam a autonomia sobre nossas vidas. Jan Douwe van der Ploeg (2009) aponta em suas teses sobre a agricultura camponesa a valorização da luta pela autonomia, a necessidade de basear-se em recursos não mercantilizados e o aumentar o valor agregado da produção camponesa.

Considera-se a pesquisa sobre plantas medicinais a valorização de uma prática camponesa que garante autonomia do saber sobre os corpos de forma política e econômica. As receitas são utilizadas pela geração de nossos avós até hoje e as plantas que servem como medicamentos naturais estão a poucos passos de nós. A autonomia da antiga geração foi substituída pela busca mercantil dos medicamentos nas farmácias.

A primeira experiência foi com a pesquisa de uma receita de repelente natural à base de cravo durante a epidemia de doenças transmitidas pelo *Aedes Aegypti*. Testou-se nos encontros e compartilhou-se o passo a passo da produção com as turmas da escola nas aulas de ciências. Neste dia,



ensinou-se aos colegas e aprendeu-se com eles. Finalizada essa etapa, a pesquisa foi ampliada para se encontrar receitas de plantas medicinais com os adultos e idosos da comunidade. Construiu-se e aplicou-se um questionário para descobrir quais plantas eram utilizadas, como era o preparo e qual a utilidade de cada receita.

Foram relatadas dezenove plantas medicinais utilizadas no povoado. Entretanto, nossa estratégia de registrar através de vídeo não foi bem sucedida. Construiu-se um roteiro de filmagem e entrevistas, contudo as pessoas não aceitaram participar da gravação. Nosso povo simpático e pacato se mostrou tímido diante da lente da câmera filmadora e profissionais da área de saúde ficaram receosos em discutir o tema. Mas, não se desistiu. Organizar-se-á outro registro para divulgar a pesquisa e compartilhar o conhecimento antigo que aos poucos perde força.

Para o Agrofoto, a importância deste trabalho é pensar no futuro melhor para todos: idosos, jovens e crianças, pesquisando e passando para frente as informações. Por exemplo, quando se conversa com os mais velhos percebe-se a sua sabedoria em relação aos remédios naturais, diferente dos mais novos que não têm muita proximidade com a terra e vão direto para a farmácia. Essas são marcas do capital no cotidiano, as quais são repetidas sem perceber. O fortalecimento de práticas naturais proporciona a autonomia do saber camponês, a valorização da produção e dos recursos disponíveis na localidade.

Os dois temas discutidos fizeram com que as/os integrantes do Agrofoto se mostrassem dispostos e despertassem um novo olhar para o conhecimento que se abria e as relações que se conectavam. As atividades desenvolvidas funcionam como troca de sabedorias próximas dos participantes e silenciosas na comunidade.

### **3. Considerações finais**

O despertar curioso e indócil dos pesquisadores juvenis fortalece a criticidade e reinventam o aprender-ensinar-pesquisar-fazer. Inspirados em Paulo Freire (1996), o Agrofoto atua com a capacidade de intervir no mundo e conhecê-lo. Cada pesquisa proporciona uma intervenção,



compreendendo desde a mobilização do desejo de aprender, o olhar e o registro das práticas camponesas que valorizam uma forma de viver e o cuidado solidário com a comunidade.

A criação do Agrofoto e sua permanência por um ano em atividades organizadas e participação espontânea é um avanço se considerado à baixa implicação dos jovens nas práticas camponesas. A tradução da agroecologia em linguagens juvenis e uma nova abordagem do campo aproximam adolescentes que vivenciam um cotidiano pautado na vida urbana, ocultando a identidade e a riqueza do mundo rural onde vivem. Contudo, é preciso avançar na criticidade da problemática rural e no alcance da divulgação das informações. Este é apenas o início de um trabalho que deve se reinventar na velocidade dos jovens para sintonizar com sua curiosidade.

## Referências

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia e extensão rural: contribuições para promoção do desenvolvimento rural sustentável*. Brasília: MDA/SAF/DATER, 2007.

FEIDEN, Alberto. *Agroecologia: introdução e conceitos*. In: AQUINO, Adriana Maria; ASSIS, Renato Linhares (organizadores). *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PEREIRA, William Cesar Castilho. *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática*. Belo Horizonte: Vozes: PUC Minas, 2001.

PLOEG, Jan Douwe Van der. *Sete teses sobre a agricultura camponesa*. In: PETERSON, Paulo (org). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.





## ANEXOS



**Figura 1.** Editorial da Revista AgroFoto, 2015. Serra do Machado, Ribeirópolis/SE.  
**Fonte:** AGROFOTO (2015).



**Figura 2.** Cristiano, produtor rural, entrevistado da revista Agrofoto. Esteios. Ribeirópolis/ SE.  
**Fonte:** AGROFOTO (2015).



**Figura 3.** Grupo participante do 2º Encontro Sergipano de Agroecologia, em Estância/SE.  
**Fonte:** AGROFOTO (2015).